

CEDI - P. I. B.
DATA 04, 06, 86
COD. PK D50

RELATÓRIO À COMPANHIA VALE DO RIO DOCE

FEVEREIRO E MARÇO

ALDEAMENTOS INDÍGENAS PARAKANÃ

APUITEREWA - MARUDJEWARA - PARANATĨ

Antonio Carlos Magalhães  
Assessoria Antropológica CVRD/FUNAI  
Relatório I, 1985

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Realizamos entre 15 de fevereiro e 11 de março do corrente ano trabalho de campo com o objetivo de estabelecer junto aos aldeamentos indígenas da nação Parakanã - Apuiterewa, Marudjewara, Paranatĩ - a programação das atividades a serem desenvolvidas durante o ano de 1985. Foi-nos possível, então, observar os modos de trabalhar a questão indígena pelos respectivos postos de atuação da FUNAI, como também analisar as medidas que eles vêm sendo exercidas desde o ano passado. Estas, em especial, no que diz respeito aos dois últimos aldeamentos mencionados, visto que os Parakanã do aldeamento Apuiterewa somente neste momento estão sendo alcançados pela ação do Convênio CVRD/FUNAI.

Além disso, tivemos oportunidade de, juntamente com o piloto Mauro Machado da Continental Táxi Aéreo, sediada em Altamira/Pa., sobrevoar a margem direita do Rio Xingu, mais propriamente a faixa de terras entre os Igarapés Ipiaçava e São José, incluindo as cabeceiras do Rio Bacajá. Este trabalho foi realizado tendo em vista a necessidade de se observar, ainda que limitado às atividades de um sobrevôo, a situação atual da área proposta por um Grupo de Trabalho da FUNAI, em 1979, para a formação de uma Reserva Indígena. Esta proposição procurava, à época, resguardar os direitos territoriais de tres povos indígenas - os Assurini do Xingu, os Araweté, os Xikrin do Bacajá. A esta área somam-se hoje os Parakanã do aldeamento Apuiterewa, situados à margem do Igarapé Bom Jardim. Efetuamos ainda um outro sobrevôo, es-

te na Reserva Indígena Parakanã e cujos limites foram propostos por nós, em 1979, à FUNAI e constituem um total de 317 mil hectares. Esta Reserva Indígena foi aprovada, em seu todo e em conformidade aos limites territoriais propostos em 1979, após várias reuniões sediadas em Brasília junto ao Grupo Interministerial. A sua efetiva demarcação que nos foi confirmada para o mes de março, pelo Sr. Diretor do Departamento de Terras da FUNAI, não foi até o presente efetivada, não se sabendo quando de fato terão início os trabalhos.

Este sobrevôo junto à Reserva Indígena Parakanã foi efetuado na tentativa de reconhecimento da atual situação no que respeita as possíveis invasões ocorridas em razão da formação do Lago de Tucuruí, e da expropriação territorial sofrida pelos regionais. Cobrimos, então, o Rio da Direita desde a fronteira Leste da Reserva até as cabeceiras desse Rio e deste ponto até o Rio Pacajazinho, onde se situa o limite a Noroeste da mesma, mais propriamente na sua confluência com o Igarapé Jacaré; e daí retornando através da linha seca que o une às cabeceiras do Rio Pucuruí\*.

Por outro lado, mantivemos contato com a Eletro norte, em Tucuruí, na pessoa de seu Engenheiro Civil, Dr. Alisio Resende Prata, responsável pelo Setor de Obras no Reservatório da Usina Hidrelétrica de Tucuruí. Procuramos saber da atuação da Eletronorte junto aos Parakanã residentes à margem direita do Igarapé Paranatí, mais propriamente no que se refere:

- à construção do campo de pouso
- à construção da nova aldeia
- à indenização referente a perda das terras hoje denominadas de Gleba Parakanã.

\* Apresentamos, em anexo, relatório sobre os sobrevôos realizados.

Fomos, então, informados de que não compete mais a Eletronorte a realização de quaisquer obras junto a este aldeamento indígena e que quando do encontro havido ao final do ano passado, em Tucuruí, reunindo representantes desta Empresa, da FUNAI, e do povo indígena Parakanã, apenas a estrada (ramal de interligação entre a Trasmazônica e o próprio aldeamento) ficara como sendo obrigação da Empresa a sua abertura. Deste modo, a Eletronorte nega-se hoje a aceitar qualquer outro trabalho junto a estes Parakanã. No entanto, é notório a este povo indígena que tais trabalhos deverão ser concluídos por esta Empresa, como também a indenização pela terra perdida, ou, a sua devolução aos Parakanã, visto que um funcionário da Eletronorte, setor do SPI, e denominado Luis Claudio, apresentou-se nesta aldeia informando aos índios que a Empresa se incumbiria não só da construção do novo aldeamento e do campo de pouso, como também indenizaria aos índios pela terra da Gleba Parakanã.

Os Parakanã do aldeamento Apuiterewa

Introdução -

Este grupo da nação indígena Parakanã está composto por 135 (cento e trinta e cinco) pessoas, as quais residem à margem direita do Igarapé Bom Jardim, por eles denominado Paranôjitã, e realizam constantes incursões de caça tanto no rumo de suas cabeceiras, como à sua margem esquerda, ou seja em direção ao Rio São José. Alcançamos a este aldeamento através de viagem em avião monomotor da Continental Táxi Aéreo, o qual iniciou viagem às 13:55 horas, saindo de Altamira e tendo chegado a um campo de pouso à margem direita do Rio Xingu às 15:10 horas. Este campo de pouso, em precárias condições de operação, pertence ao sítio do Sr. Sebastião Cardoso de Lima, um pequeno agricultor. Este local é utilizado como ponto de parada para o deslocamento ao, ou, do Bom Jardim, quer quando a viagem ao Apuiterewa se realiza pela via aérea, quer quando ela se realiza pela via fluvial. O Sr. Sebastião Cardoso de Lima reside neste sítio há aproximadamente dez anos, tendo-o recebido de um Sr. conhecido regionalmente pelo nome de Mucuim.

Deslocamo-nos deste sítio às 16:15 horas, na companhia de alguns funcionários da FUNAI (Ajudância de Altamira), em barco de alumínio pertencente ao PIA. Apuiterewa e equipado com motor Guidon 10/12, tendo alcançado, às 16:28 horas a foz do Igarapé Bom Jardim. Com cerca de uma hora e quarenta minutos aportamos junto ao aldeamento Apuiterewa.

Durante este período de inverno amazônico é possível a viagem em barco; contudo, quando chega o verão e as águas do Igarapé começam a baixar, afirmam os funcionários do Orgão que se torna difícil, ou, mesmo impossível se navegar pelo Bom Jardim.

Este acampamento atual, aonde se localizam estes Parakanã, entretanto, não é o local em que se realizou o contato com a equipe da FUNAI. Lembre-se aqui, uma vez mais, que o aldeamento Apuiterewa abriga a dois grupos Parakanã, contatados em períodos diferentes. Assim é que o primeiro grupo foi contatado em novembro de 1983, às cabeceiras do Rio Bacajá e próximo a uma exploração de garimpo feita pelo Sr. Mucuí. Deste local foram os Parakanã deslocados pela equipe da FUNAI, descendo o Igarapé Bom Jardim, em viagem de aproximadamente cinquenta dias a pé através da mata, e tendo edificado acampamento a cerca de hora e meia do atual; este lugar passou a ser denominado a partir de junho de 1984 de Apuiterewa Velho. Foi neste local que, em março de 1984, apareceu o último grupo de índios Parakanã ainda em perambulação e que compunha um total de 32 pessoas. No entanto, segundo os funcionários da frente de penetração FUNAI, este local, o Apuiterewa Velho, era infestado de mosquitos transmissores da malária e de piú. Esta teria sido a razão pela qual a equipe da FUNAI resolvera descer o Igarapé juntamente com os índios, aportando, em julho de 1984, no atual aldeamento. As outras justificativas para estes dois deslocamentos da frente de penetração da FUNAI com estes Parakanã são encontradas tanto na presença do garimpo do Mucuí, como na dificuldade de navegação através do Igarapé Bom Jardim, durante o verão amazônico.

A equipe da FUNAI que atua hoje junto a estes Parakanã se compõe efetivamente de cinco pessoas , sendo que outras tres se dirigem de tempos em tempos àquele aldeamento, realizando o percurso Altamira - Apuiterewa - Altamira em barco com motor de centro. Estes tres funcionários são o piloto, o motorista/mecânico, o proeiro. Os outros cinco servidores que atuam diretamente junto ao PIA. Apuiterewa são:

- Gerson Carvalho - Chefe Substituto do PIA. Apuiterewa
- Orlando Silveira de Matos - Atendente de Enfermagem
- Paulo Lopes - Auxiliar de frente de atração
- Roque - Auxiliar de frente de atração
- Luis Moreira - Chefe efetivo do PIA. Apuiterewa (de férias)

No entanto, ao chegarmos ao PIA. Apuiterewa observamos a presença de oito funcionários, reduzidos dois dias após aos quatro já mencionados, face ao deslocamento de dois integrantes da tripulação do barco e de dois índios WAI-WAI, Paulo e Manoel. Estes últimos ali se encontravam desde a formação da equipe de contato e retornavam agora ao seu próprio aldeamento. A tripulação do barco deslocara-se , por sua vez, a Altamira e deveria retornar no espaço de dez dias com provisões, principalmente farinha, tanto para o Posto como para os próprios Parakanã.

Não nos encontramos em campo com o Chefe titular do PIA. Apuiterewa, Sr. Luis Moreira, em gozo de férias, como também não tivemos oportunidade de dialogar mais demoradamente com o Auxiliar de Enfermagem, visto que este se retirara no dia de nossa chegada.

Entendemos, pois, da necessidade da manutenção da equipe que vem trabalhando junto ao PIA. Apuiterewa, lembrando apenas que o Chefe titular se constitui em pessoa de grande discernimento na relação com os Parakanã. Conhecemo-lo desde 1975, quando o encontramos trabalhando com os Parakanã residentes hoje à margem direita do Igarapé Paranatĩ. Observamos ainda ao o encontrarmos, em Belém, e quando mantivemos uma longa conversação, que o Sr. Luis Moreira vem procurando orientar os funcionários que com ele trabalham junto ao PIA. Apuiterewa, como também aos próprios Parakanã, para uma relação índio/não-índio que possibilite de um lado o respeito aos hábitos próprios deste povo indígena, e de outro a manutenção destes hábitos. Da mesma forma, observamos durante a nossa permanência junto a este aldeamento que embora exista uma certa dependência dos Parakanã face ao Posto Indígena, ela se traduz apenas ao nível alimentar/agrícola. É fato que um grupo indígena em perambulação tem considerável dificuldade em retomar de imediato as suas atividades de roçado, logo após o contato. Daí, ter sido feita uma roça com cerca de 40 linhas de mandioca, além de milho e de batatas para a sustentação dos Parakanã. No entanto, estão eles, os Parakanã, de certa forma cientes de que para a formação do próximo roçado deverão proceder de acordo com as suas normas próprias, isto é, a divisão da roça em correspondência às famílias extensas que constituem estes Parakanã. Por outro lado, os funcionários da FUNAI que ali atuam também estão conscientes de que a roça por eles feita representa tão-somente uma necessidade de tempo limitado.



Vale dizer ainda que o Chefe substituto do PIA.

Apuiterewa, Sr. Gerson Carvalho, poderá ser aproveitado mesmo junto ao povo indígena Parakanã e o indicamos para a chefia do PIA. Marudjewara, tendo em vista que não só é conhecedor da fala Parakanã, como também os seus trabalhos junto aos Parakanã, então, residentes à margem direita do Igarapé Lontra, revelam uma pessoa de respeito a este povo indígena. Voltaremos a este assunto, ao nos referirmos aos Parakanã do Marudjewara.

Aldeamento Apuiterewa

Situado no baixo curso do Igarapé Bom Jardim, em sua margem direita, o aldeamento destes Parakanã se compõe, como dissemos, de dois grupos locais estabelecidos em lugares próximos e em convívio harmonioso entre si. Servem-se ambos do roçado de 40 linhas para alguns cultivares, sendo que o plantio da mandioca ainda não está produzindo, visto que a roça foi iniciada no segundo semestre do ano passado. A necessidade da constante aquisição de sacas de farinha de mandioca junto ao mercado regional só poderá ser suprimida, provavelmente, daqui a dois anos.

A equipe da frente de contato auxiliou também na construção das quatro moradias maiores ali existentes e, ainda assim, não sofreram elas quaisquer modificações que fujam ao modelo de habitação próprio Parakanã. Duas delas abrigam ao grupo local que se encontra mais próximo à sede do PIA. Apuiterewa, liderado pelos índios KARADJA e AJOWIA e aqui mais três tapiri são utilizados ou como cozinha e, ou, como área para afazeres diversos. Os Parakanã liderados por IATORÁ e KORIA situam o seu grupo local a mais ou menos 30 metros do anterior tendo além das outras duas residências maiores um total de 12 tapiri, utilizados também como moradias. Apenas um tapiri, situado isoladamente entre a sede do PIA. Apuiterewa e o aldeamento de KARADJA e de AJOWIA, mas com seus ocupantes pertencendo ao grupo de IATORA e KORIA, é

utilizado como moradia por quatro jovens do sexo masculino (residência nº 1, cf. quadro a seguir). Portanto, um total de vinte construções foram edificadas junto ao aldeamento Apuiterewa, das quais 09 estão sendo utilizadas como moradias.

A cerca de 80 metros e de 100 metros, respectivamente, destes grupos locais e mais próximo ao Igarapé Bom Jardim situa-se a sede do PIA. Apuiterewa. Esta é composta de dois grandes barracões, sendo um deles totalmente aberto nos lados e sem divisórias internas, ao passo que o outro, com dimensões semelhantes, possui uma meia parede em ripas na sua parte central. Situados em paralelo, o primeiro é utilizado como residência do chefe do Posto e do atendente de Enfermagem, e pode mesmo servir como enfermaria aos doentes. Já o outro barracão é utilizado como cozinha em uma de suas extremidades e como despensa na outra, sendo que em ambas as paredes também em ripas alcançam o teto; a sua parte central é usada como dormitório para alguns funcionários do Posto. Uma pequeníssima farmácia, onde também está instalada a sala de rádio e um compartimento conjugado, local para o abrigo de ferramentas diversas, além de um poço ainda em construção compõem o total de edificações até o momento existentes junto ao PIA. Apuiterewa.

### Aspectos Demográficos

O aldeamento Apuiterewa encontra-se hoje com uma população de 135 (cento e trinta e cinco) pessoas, das quais 71 (setenta e uma) pertencem ao sexo masculino. Dos dois grupos locais ali residentes o menos populoso é o contatado em março de 1984, possuindo, em fevereiro do corrente ano, um total de 34 (trinta e quatro) indivíduos. O grupo de maior contingente demográfico, por sua vez, soma 52 (cinquenta e dois) elementos para o sexo masculino, ao passo que o anterior alcança apenas a 23 (vinte e tres) pessoas para esta mesma categoria.

Ao contrário dos contatos efetuados pelas equipes de frente de penetração da FUNAI, a que realizou o contato com estes dois grupos locais do aldeamento Apuiterewa tem demonstrado, apesar das condições de trabalho, considerável zelo no que respeita a questão de saúde. Assim é que, de fato, poucos foram os óbitos ocorridos após o contato. A mortalidade sempre numerosa registrada em contatos anteriores entre índios Parakanã e FUNAI, como revelam os aldeamentos Paranati e Marudjewara, aqui não encontra ressonância e apenas quatro foram os casos assinalados, sendo todos do sexo masculino. Uma criança do sexo feminino nasceu e morreu após 21 dias de nascida, em fevereiro deste ano; duas outras, uma do sexo masculino, nasceram durante o ano passado.

Os Parakanã do Apuiterewa têm em seu contingente populacional um total de 26 famílias, das quais seis estão contituídas junto ao grupo local de KARADJA e de AJOWIA. Aqui, apenas estas lideranças formam uniões poligínicas. No que respeita ao grupo local liderado por IATORA e KORIA, das vinte uniões familiares existentes seis delas correspondem a casamentos poligínicos.

Há de se notar ainda que os contatos entre estes Parakanã e outros povos indígenas, Assurini do Tocantins e Araweté, revelam a presença de seus representantes junto ao aldeamento do Bom Jardim. Assim é que, como representante dos Araweté, encontra-se uma mulher com aproximadamente 38 a 40 anos de idade que, segundo ela, teria sido trazida pelos Parakanã com mais ou menos 20 anos de idade. Afirma ainda que se encontrava casada entre os Araweté com Mayravidã, com quem tinha um filho ainda pequeno, e que seu verdadeiro nome é MAYRAWÍ. Dentre os representantes do povo indígena Assurini existem os descendentes de uma mulher, Koirawa, cujos filhos duas mulheres e um homem, embora vistos como Awaeté, ou seja, Parakanã, face a descendência patrilineal, são mencionados também como de relações com os Assurini. Além desses, há o caso de uma mulher de aproximadamente 60 anos de idade e que teria sido trazida há bastante tempo dos Parakanã hoje residentes às margens do Paranati.

Aldeamento Parakanã - Apuiterewa

POPULAÇÃO - 135 pessoas

Homens - 71

Mulheres - 64

Total de Casas - 09

Total de Famílias - 26

Famílias Monogâmicas - 18

CASA I - casa dos solteiros - 4 pessoas

JAPOKATU

MANIMÉ

TEREÍMA

AWAPIHYMA

CASA II - 4 famílias - 15 pessoas

KARADJA

VIUNA

AVIA

MIRIWA

CASA III - 2 famílias - 19 pessoas

AJOWIA

TXIWANGA

CASA IV - 6 famílias - 28 pessoas

PINATIA

XORARUA

TORIMOÁ

NATAIRAWA

KURÉRIA

TYRYA

CASA V - 10 famílias - 54 pessoas

TXOWAIÍMA

ATOWÁ

KINAÍÁ

CASA V - 10 famílias - 54 pessoas  
 KONOMIIA  
 AWANGA  
 IJEIA  
 TAIKYA  
 ANIWA  
 MUTIA  
 TAWARIRÁ

CASA VI - 1 família - 6 pessoas  
 IATORÁ

CASA VII - 1 família - 3 pessoas  
 WARIUMA

CASA VIII- 1 família - 2 pessoas  
 MOROIA

CASA IX - 1 família - 3 pessoas  
 KORIÁ

### A Situação Territorial

Como nos referimos ao início deste relatório e durante a exposição acerca dos sobrevãos por nós realizados, a questão territorial destes Parakanã permanece indefinida e por isto mesmo corre sérios riscos de invasões, caso não seja examinada o mais brevemente possível. O caráter de breve que aqui assinalamos não é sinônimo de análise apressada como possa se supor. A eleição de um território indígena por si só demanda não apenas tempo, mas também um estudo criterioso mesmo. Criterioso não só no sentido da ocupação real, mas considerando, sem dúvida, os locais referenciados pelo povo indígena alvo desta eleição em sua ocupação mítica, por exemplo.

É de conhecimento público também que as Centrais Elétricas do Norte do Brasil, Eletronorte, já tem pronto o inventário para a implantação de usinas hidrelétricas junto aos Rios Xingu e Iriri, iniciando com dois barramentos, Babaquara e Kararaô, no primeiro. A implantação destes barramentos e destas usinas afetarão direta e indiretamente as áreas indígenas existentes nesta região, Apuitewá inclusive. Por outro lado, faz-se bastante presente os efeitos causados com a construção da Barragem de Tucuruí, ainda hoje não solucionados.



Durante o trabalho que realizamos, foi-nos possível observar que estes Parakanã têm percorrido uma grande extensão territorial, identificada fundamentalmente entre os Rios Cajazeiras, Bacajá, Bom Jardim, São José, Pacajá de Portel, Pacajazinho. Enquanto em perambulação mais exaustiva seus conhecimentos alcançam aos Rios Ipixuna e Ipiacava, sendo que em relação ao primeiro mantiveram sério conflito com os Araweté há apenas dois anos passados; e no Bacajá, com os Xikrin, onde também estiveram em conflito no ano de 1977. Além disso, o Rio Anapú se constitui em referência constante destes Parakanã, tal como acontece com os Parakanã residentes no aldeamento Marudjewara, com quem os do Aputere wa possuem laços de parentesco muito próximos. Em termos mais presentes, os Parakanã do Bom Jardim realizam incursões constantes não só às cabeceiras deste Rio, mas também às do Bacajá, com o objetivo de coletar matérias-primas para a confecção de artefatos. Registra-se aqui o caso da taquara e da taboca, utilizadas, respectivamente, para a confecção da haste e da ponta das flechas. Assinalam ainda que às proximidades do atual aldeamento não há barro de qualidade que possibilite a confecção de panelas. Para isto, terão de se deslocar nesta mesma direção, ou, então, rumo aos tributários do Xingu, como o Caitucá e o Canafístula, por exemplo.

A área em que se encontram estes Parakanã está localizada no interior de uma região, para a qual já existe uma proposta de território indígena aprovada pela FUNAI. Esta proposição, efetuada em 1979 e realizada por um Grupo de Trabalho deste Órgão, se estende do Rio Ipiacava ao Rio São José, este em sua margem direita, tendo como

limites a Leste o Rio Bacajá e a Oeste o próprio Rio Xingu. Acreditamos, pois, que esta deva ser a área considerada como a melhor alternativa aos Parakanã residentes às margens do Igarapé Bom Jardim. Um território extenso é fato, mas que abrigaria a não menos do que quatro nações indígenas - Parakanã, Araweté, Assurini (tupi) e Xikrin (Jê).

A sua concretização em termos práticos dependeria, queremos crer, de um reconhecimento mais detalhado dos atuais moradores não-índios existentes neste território, o que poderia ser obtido em tempo breve, com o deslocamento de uma ou duas equipes de trabalho em campo. Além disso, tem-se que ao solicitar esta área à FUNAI, algumas questões normalmente vistas como possíveis impedimentos à sua homologação poderiam estar previamente sanadas:

- a proposta de constituição desta área como Reserva Indígena foi encaminhada por um Grupo de Trabalho do próprio Órgão, em 1979;
- os limites da área proposta se constituem, em sua grande maioria, em fronteiras naturais o que acarretaria um custo menor quanto ao trabalho a ser realizado;
- existem, no momento presente, poucos ocupantes não-índios neste território, conforme se pode observar pelo relatório de sobrevôo (em anexo), e a justa indenização a estes moradores acreditamos que em pouco oneraria o próprio Órgão, além de se poder obter, com um trabalho de alto valor qualitativo, a redução ao mínimo do custo social;

- prever-se-ia com novos estudos, mas mantidos os limites territoriais de 1979, as possíveis áreas a serem afetadas com a construção de barragens e de usinas hidrelétricas programadas para a bacia do Rio Xingu.

Portanto, consideramos como de vital importância a realização de trabalho de campo objetivando os estudos necessários para a demarcação desta área indígena, e para isto propomos que este estudo seja iniciado em junho do corrente ano, no que tange ao levantamento dos dados já existentes. Como segunda etapa deste trabalho, o de referendar a área já proposta, consideramos o levantamento de campo, a se realizar durante o mes de julho, com o escopo de verificarmos a nova situação fundiária que existe junto a este território. Para tanto, se faz mister a composição de equipe a qual compreenda:

- 2 antropólogos
- 1 advogado
- 1 engenheiro-agrônomo
- 1 desenhista

Informamos que à exceção dos tres primeiros profissionais, os dois últimos deverão ser contatados junto à própria FUNAI. Quanto ao advogado, consideramos ser necessário o seu deslocamento a campo.

PROGRAMAÇÃO PARA O ANO DE 1985. (material a ser adquirido)

O Pia. Apuiterewa encontra-se equipado com rádio transceptor, uma voadeira em alumínio, um barco com motor de centro, uma placa solar. Durante a conversa que mantivemos com o chefe deste Posto, em Belém Sr, Luiz Moreira, como também ao longo de nossa curta permanência em campo foram apresentadas como reivindicações iniciais básicas:

- Grupo gerador de diesel
- Quatro placas solar
- Quatro caixas d'água para 1.000 litros cada
- Um motor de popa 25 hp. (johnson ou yamaha)
- Um motor rabeta 7 hp.
- Um jogo de ferramenta completa contendo chaves de fenda de vários tamanhos e modelos, chaves de estrela, martelos de unha, alicates, grifos etc.
- Peças sobressalentes para os motores de popa,
- Hélice para motor rabeta (mandar fazer em Altamira).
- Um jogo de chave de boca
- Tres serrotes de tamanhos diversos
- 2 serrotes de costa para aparelhar madeira
- 1 serra de volta
- 1 motolia
- 1 bomba para puxar gasolina
- 1 tanque para gasolina c/ braçadeira
- 1 cachimbo para motor
- 1 moto serra Still nº 0,85 ( correntes sobressalentes e serras)
- 1 moto-serra Still nº 0,51
- 1 plaina grande p/ aparelhar madeira
- 100 metros de tela de arame
- 5 latas de contra ferrugem (zarcão)
- 2 carrinhos-de-mão
- 1 barco em madeira para 600 hps.

- 10 canoas (mandar fazer no próprio posto)
- 1 bateria de 12 volts (Delco)
- 1 carregador elétrico para bateria

Apetrechos para cozinha

- 1 geladeira a gás
- panelas, caldeirões, chaleiras, tamanhos pequeno, médio, grande
- 2 panelas de pressão
- canecos em alumínio ou esmaltados, colheres, facas

Apetrechos para caça e pesca

- 2 espingardas calibre 20/ respectiva munição sendo 15 cxs/m.
- 2 espingardas calibre 22/ respectiva munição sendo 05 cxs/m.
- linhas de nylon em bobina, nº 0,80 e 100
- anzóis nº 2 e nº 3
- estruvos
- chumbo 10 Kg./m.
- malhadeira (mandar confeccionar na região)
- tarrafa (mandar confeccionar na região)
- corda grossura média, 2 rolos de 50 metros

Equipamentos para a Área de Saúde

Embora tenhamos comunicado ao atendente de enfermagem que esta Área corresponde ao Dr. João Paulo Botelho e que ele já elaborou a listagem do que fosse necessário ao PIA. Apuiterewa, solicitou-nos o Sr. Orlando os seguintes materiais:

- 1 geladeira a gás
- 1 esterilizador elétrico
- 6 camas hospitalares, respectivos colchões em napa, jogos de lençóis
- 1 mochila para atendimento de emergência através da mata, em nylon.

Aldeamento Marudjewara

Este aldeamento se constitui, sem dúvida, naquele em que foram encontrados maiores problemas de caráter interno. Embora, se possa afirmar que na área de saúde, e aqui nos limitamos a reportar as informações prestadas pela auxiliar de enfermagem, Sra. Geniza, a qual substituiu temporariamente a considerada como efetiva, os resultados até o momento alcançados possam ser considerados bons, quer do ponto de vista de equipamentos e instalações existentes, e mesmo pelo próprio atendimento, de fato a relação entre o Posto Indígena e o povo indígena Parakanã atinge a níveis de dependência do segundo em relação ao primeiro jamais vistos por nós. Assim é que, observamos durante a nossa permanência que a relação de trabalho existente revela não apenas a dependência alimentar ali mantida, como também a dependência do trabalho a ser executado e de como executá-lo. Isto se apresenta, inclusive, pelo estabelecimento de horários a serem cumpridos. É rotineiro os homens Parakanã apresentarem-se pela manhã à chefia do Posto, onde fazem a primeira refeição, e ali esperarem pela designação de quem vai trabalhar e aonde realizará o serviço determinado. Somam-se aos Parakanã os funcionários classificados como auxiliares de frente de atração e partem todos às suas tarefas. Esta relação de dependência está expressa não só no que respeita ao trabalho no roçado, mas também nas solicitações de alimentos e de bens enviados aos Parakanã através do Posto,

ou, ainda, na criação de necessidades as quais não foram previamente analisadas. Referimo-nos, pois, a criação de uma escola, para a qual já havíamos solicitado, em relatórios anteriores a sua imediata paralisação. No que tange a este assunto, voltaremos a ele mais adiante.

Preferimos nos deter, por um momento, no que se refere a esta relação direta entre a Chefia do Posto e os índios. Fomos informados por alguns deles que o chefe do PIA, Marudjewara costuma se deslocar com certa frequência ao povoado que se estabeleceu junto à confluência da Rodovia Transamazônica com o Rio Cajazeiras, denominado Cajarana. Em seus deslocamentos, o mencionado chefe se faz acompanhar de alguns índios, em geral, os mesmos. Tal fato, tem criado reações negativas naqueles que não participam destas viagens, visto que entendem eles como um desprestígio. Deste modo, entendemos que ocorrem, neste caso, dois erros bastante graves. O primeiro, e que apontamos como o mais prejudicial, diz respeito ao envolvimento a que são levados os Parakanã, ainda de contato recente, é bom lembrar, e que mal se comunicam em língua portuguesa, com os regionais não apenas aqueles que residem ao longo das margens do Rio do Meio, mas principalmente, com os moradores de Cajarana. Observe-se, pois, que se estabelece uma relação de dependência a cada viagem realizada, tendo em vista as razões expostas acima. Não se trata, está claro, de situar os Parakanã nos limites do impenetrável, mas sim de prepará-los gradativamente ao relacionamento interétnico. O segundo ponto a ser observado discorre sobre a discriminação de que vêm sendo alvo alguns índios, já que por motivos quaisquer não participam destas viagens.

Além disso, fomos informados que a chefia do PIA.

Marudjewara não permite que os Parakanã tenham acesso ao aprendizado de pilotar barcos a motor. Em relatórios anteriores, já tivemos oportunidade de mencionar que tal atividade em muito beneficiaria a estes índios, inclusive, tendo como escopo a vistoria do próprio território. Como dissemos de outras vezes, a presença de um piloto/mecânico de barco em Marudjewara só tem razão de existir durante o inverno amazônico e desde que transmita ele os seus conhecimentos aos índios. Ainda quanto a esta colocação, somos sabedores que o sertanista então responsável pelo contato com os Parakanã em janeiro de 1983, e que atuou junto a este aldeamento, doou um dos barcos ali existentes a um índio. Hoje, outros índios também pretendem possuir o seu barco em alumínio individualmente.

Uma vez mais solicitamos a atenção do Convênio CVRD/FUNAI para as relações de dependência que são estabelecidas neste aldeamento, no sentido de se expor à FUNAI e dela solicitar o impedimento à sua continuidade.

Consideramos ainda que, pelos trabalhos já realizados entre os Parakanã hoje situados junto ao Igarapé Paranatí, por saber se comunicar na própria língua indígena, e antes de tudo por saber respeitar as decisões dos índios, que o Sr. Gerson Carvalho se constitui na pessoa indicada para assumir a chefia do PIA. Marudjewara.



### A Escola em Marudjewara

As relações que se estabelecem em aldeamentos indígenas refletem, muitas vezes, o anseio que têm determinados funcionários da FUNAI em realizar obras e, ou, projetos que, em geral, pouco ou quase nada possuem de concreto com a realidade vivida pelos próprios índios. Estabelece-se o ideal, onde este tem por parâmetro a sociedade inclusiva e com ela os seus valores. Isto já foi por nós observado em administrações passadas junto aos Parakanã do Paranati e vem sendo identificado junto aos Parakanã do Marudjewara.

Como já mencionamos em relatórios passados, o processo educativo não está restrito às paredes de uma escola e muito menos à presença de um indivíduo denominado genericamente de professor. Solicitamos, então, que não se permitisse qualquer tentativa nesta direção, até mesmo porque não havia ainda um plano de trabalho voltado ao processo educacional e que encontravamos-nos nós na sua elaboração. Mas, como dissemos, as relações em aldeamentos indígenas, por exemplo, se tornam, no mais das vezes, independentes da própria programação que se pretenda estabelecer. Desse modo, o chefe do PIA, Marudjewara viabilizou a construção de uma escola, que se fizessem os bancos escolares, solicitou a aquisição de um quadro-negro e a presença de uma professora, a qual já se encontra em Marudjewara. Ainda que qu

lificada ao trabalho de alfabetização, visto que foi professora junto à ICOMI e à JARI, isto não significa que possua qualquer qualificação para o trabalho em aldeamentos indígenas. Por outro lado, e conforme colocações suas, jamais obteve da própria FUNAI, em Belém, qualquer orientação para o trabalho que deveria exercer em Marudjewara, ou, mesmo esclarecimentos sobre o que representa o trabalho educacional junto a um povo indígena, e menos ainda no que respeita a índios recém-contatados. Contudo, o seu universo de professora, ainda que limitado ao trabalho nas empresas mencionadas, permite-lhe o bom-senso de avaliar que os trabalhos se diferenciam por si só, como também que o seu objetivo, neste momento, é receber o maior número possível de informações sobre o trabalho educacional em aldeamentos indígenas.

Por outro lado, submetida à chefia do Posto, acabou por impor horários de funcionamento da escola, pela manhã e à noite, com cerca de 4 horas de duração em cada período. Esta rigidez na forma de trabalhar o processo educacional, observa ela, acaba por fazer com que os próprios índios se desinteressem além daquilo que representa a curiosidade imediata. Portanto, o trabalho que ali vem sendo realizado reflete apenas o conhecimento por parte dos índios na memorização de vocábulos soltos da língua portuguesa. Não se tem sequer a preocupação básica de um ensino bilíngue. E nem poderia haver; a professora não conhece a língua Parakanã. Não há, pois, processo educacional e muito menos aprendizado, mas, tão-somente, a memorização compulsória; a imposição dos valores da sociedade inclusiva através da língua portuguesa, também esta imposta. Uma outra ativi-

dade que assinalamos é a de desenhos em folhas de papel. Contudo, mesmo aqui, não se tem procurado a valorização do universo do educando; as formas de pintura corporal, o desenho de animais os mais diversos, o desenho de artefatos, o que poderia ser trabalhado tanto com crianças, como com adultos, são esquecidos simplesmente. A educação em Marudjewara, ainda que incipiente, não pode ser vista como prática da liberdade ao e dos Parakanã, mas sim como mecanismo de opressão a este povo Tupi. O conhecimento próprio da educação entre os Parakanã e de como eles a ministram está descartado no trabalho que aqui se executa.

Ao lado disso, o P<sup>O</sup>sto vem recebendo os materiais requisitados e considerados por sua chefia como os mais adequados ao trabalho em uma escola em aldeamento indígena. Assim é que, ~~compôs-se~~ compõe-se uma relação das necessidades à escola, tais como:

- 2 armários com tres portas
- 2 estantes com portas
- 2 mesas e cadeiras para professor
- 2 quadros-negro e caixas de giz
- 1 mimeógrafo\*
- 1 globo terrestre
- 44 cadeiras individuais
- 44 cadeiras escolares
- 2 mapas do Brasil
- 2 mapas do Pará
- 1 lente tamanho grande
- 1 maquina de escrever manual
- 1 bandeira nacional
- 1 bandeira da FUNAI
- 1 bandeira do Estado do Pará
- 10 conjuntos de brinquedos instrutivos para montar
- 1 projetor de slides\*
- 20 caixas de diapositivos com temas diversos
- 1 máquina fotográfica\*

- 1 gravador\*
- 10 fitas magnéticas K-7\*
- 6 calhas completas com lâmpadas fluorescentes, 20 v.

\* Os itens assinalados são os poucos assinalados por nós como aqueles que em se tendo em um posto indígena podem auxiliar não só no trabalho educacional, mas em atividades diversas; portanto, os únicos que recomendamos adquirir.

Soma-se a isto o material requisitado à merenda escolar e à residência da professora:

- 4 filtros
- 1 fogão a gás com 3 velas cada um
- 4 bujões de gás
- 3 camas de solteiro
- 2 armários para quarto
- 1 armário para cozinha
- 1 mesa de residência com 4 cadeiras
- 2 caldeirões de ferro
- 5 panelas com alças, nº 17, 20, 22
- 4 bacias com 40 cms.
- 2 conchas em inox
- 5 facas
- 80 canecos médios e esmaltados
- 80 pratos médios e esmaltados
- 80 colheres em inox
- 10 garfos e 10 facas

Como se pode observar, não há uma maior relação entre o material solicitado e a realidade vivida pelos Parakanã. Trata-se, tão-somente, de ampliar a dependência compulsória de um lado, e, de outro, criar expectativas que até mesmo os seus autores não sabem ao certo definir.

Além dessa relação, o Chefe do PIA, Marudjewara' tem requisitado também os componentes para a indumentária escolar dos Parakanã, tais como, sapatos, tenis,

sandálias, além de metros de tecido para a confecção dos uniformes escolares.

Em reunião realizada junto aos funcionários do PIA. Marudjewara, e com a presença dos índios, procuramos demonstrar como o POsto Indígena poderia realizar um trabalho com um mínimo de interferência na organização da sociedade Parakanã. Assim, o roçado deveria estar a cargo unicamente dos próprios índios, respeitando a sua divisão do trabalho; às mulheres compete o plantio e a colheita dos produutos, enquanto que aos homens a derrubada da mata, a queima e a limpeza do terreno. O mesmo deve ser feito com a introdução de novos produtos, como o arroz, por exemplo. No entanto, embora já tenhamos nos referido a isto de outras vezes, permanece em Marudjewara, por orientação da chefia do Posto, que a roça é um trabalho dos homens. Procuramos, ainda nesta reunião, informar que cada um dos funcionários que ali atuam têm, cada um deles, uma responsabilidade quanto ao respeito e à integridade mesma do modo de viver deste povo Tupi.

Em trabalho conjunto à professora, procuramos analisar qual o papel que ela tem a desempenhar quanto ao processo educacional. Orientamo-la no sentido de primeiramente estabelecer um pequeno dicionário Parakanã - Portugues, para que pudesse iniciar os seus conhecimentos nesta língua indígena. Isto é, realizar o inverso do que ela vinha fazendo, qual seja, o de informar aos Parakanã os respectivos termos solicitados por eles em Portugues. A partir daí, procurar a formação de frases em Parakanã. Solicitou -

nos ela o envio de trabalhos já realizados com outros povos indígenas da língua Tupi, por professores, linguistas, e, ou, educadores, o que estamos terminando de preparar. Além disso, informei-lhe da desnecessidade de o processo educacional se limitar à edificação física de uma escola, procurando transmitir-lhe, com isto, que em qualquer local onde se encontrasse com os Parakanã teria ela a oportunidade de aprimorar a troca de conhecimentos, não devendo mais ocorrer, portanto, a identificação da escola como o local, e apenas este, do saber.

Por outro lado, o chefe do PIA. Marudjewara solicitou-nos os seguintes equipamentos:

- 1 motor de popa de 25 Hp
- 1 barco para 3 ou 4 toneladas, a ser construído no local

Temos ainda que, segundo a auxiliar de enfermagem, ainda não chegou ao PIA. Marudjewara os seguintes

materiais:

- tambor inox para algodão
- tambor inox para gase
- 1 papagaio em inox
- 1 arrastadeira em inox
- 1 cx. de lâmina 100 para bisturi
- 5 cxs. de catcut simples
- 3 cxs. de agulha curva para sutura
- 2 cabos para bisturi
- 2 cubas rim inox
- bandeja inox pequena para curativo
- bacia em alumínio
- bola de oxigênio pequena
- bolsa para água quente
- 1 geladeira pequena para vacina
- 8 jogos de lençóis para cama
- 1 berço hospitalar com colchão e jogo de lençol

### Aspectos Demográficos

A população Parakanã residente em Marudjewara está composta por um total de 75 (setenta e cinco) pessoas, sendo que tres homens e uma mulher nasceram após a nossa última permanência entre eles, em julho de 1984. Com<sub>u</sub>putamos, à época, um total de 72 (setenta e duas) pessoas in<sub>cl</sub>uindo-se, pois, o nome de XORARUA, um jovem que havia se deslocado ao Bom Jardim. Hoje, XORARUA encontra-se radicado entre os Parakanã do aldeamento Apuiterewa.

Esta população está distribuída entre 22 (vinte e duas) famílias, sendo que cinco novos casamentos monogâmicos ocorreram e Havendo, com isto, a redução, em relação aos dados anteriores, de uma união polígínica.

### A Situação Territorial

Apesar da publicação no Diário Oficial da União, datado de 5 de março do corrente ano, do Decreto nº 91.028, garantindo a posse e a ocupação das terras da Reserva Indígena proposta por nós, em 1979, à FUNAI, não se vem concretizando até o momento a sua efetiva demarcação, ainda que os recursos, conforme estamos informados, já tenham sido liberados.

Sabe-se, porém, que as invasões junto ao Rio da Direita prosseguem, como também as que já existem à margem direita do Rio Pacajazinho. A necessidade, portanto, de se agilizar o processo demarcatório e de simultaneamente se criar os Postos de Vigilância (V. relatórios anteriores) é hoje imperiosa. Lembramos, por outro lado, que a retirada dos invasores existentes na área, em geral, posseiros ou colonos sem títulos, deva ser feita sem que novos problemas, os quais não se limitam a uma simples indenização, venham a ser registrados.



Obras

Existem no PIA. Marudjewara um total aproximado de 50 mil tijolos que foram feitos no ano passado. Devem ser eles utilizados nas construções que se vem programando para os aldeamentos indígenas; entretanto, pedimos prioridade para a construção da enfermaria/farmácia ainda este ano, durante o verão amazônico. As demais construções, como a sede do Posto Marudjewara, escola, casas de funcionários, deverão surgir gradativamente e apenas uma em cada ano subsequente.

A razão deste escalonamento para as construções, conforme já mencionamos em relatórios passados, deve-se ao fato em que os Parakanã pretendem a construção de um novo aldeamento e que este seja construído em alvenaria e a cobertura com telhas de amianto. Deste modo, frisamos que a única construção possível de ser feita em alvenaria seja a enfermaria/farmácia. Todas as demais deverão ser construídas em obediência aos recursos naturais existentes na região.

Aldeamento Paranatí

Este aldeamento Parakanã adquire, neste momento, novas formas de trabalho e de relacionamento entre os funcionários que ali atuam e os próprios índios. Tem-se procurado, ao que nos foi dado observar, a valorização das atividades próprias dos Parakanã, apesar dos problemas gerados a partir do segundo semestre do ano passado, quando se tornou iminente um conflito interétnico de proporções incalculáveis, entre os Parakanã e os colonos da atual Gleba Parakanã, assunto este a que nos referiremos mais adiante.

Por outro lado, foi possível observar que a ausência de uma auxiliar de enfermagem acarreta uma sobrecarga de trabalhos junto a enfermeira que ali trabalha. Assim, ao ter esta profissional que se deslocar a Tucuruí acompanhando algum índio doente, o aldeamento Paranatí passa a se ressentir da falta de qualquer profissional nesta área. Lembre-se que uma viagem Paranatí - Tucuruí, cerca de 100 Km., em geral, não pode ser realizada com menos de cinco horas; e, durante o inverno amazônico, ela poderá demorar mais de um dia.

No que se refere ao processo educacional, a questão sugere semelhanças a encontrada junto ao aldeamento Marudjewara. Frise-se, entretanto, que não há em Paranatí qualquer pressão da chefia do PIA. Parakanã acerca da troca de conhecimentos. Isto não significa, porém, que a própria professora não se ressinta de um preparo quanto as atividades que ali possa desenvolver, embora possua alguma experiência em trabalho educacional junto a aldeamentos indí

genas. Da mesma forma que em Marudjewara, ocorre o grave problema de um ensino monolíngue.

Outro ponto a ser considerado junto a este aldeamento diz respeito ao número e a qualificação dos funcionários que ali trabalham. Assim, já mencionamos, mais de uma vez, a completa desnecessidade da permanência de um técnico-agrícola tanto entre estes Parakanã, como nos demais. Os roçados, trabalhados e produzidos pelos próprios índios e que atendem satisfatoriamente a toda a comunidade, não necessitam de um maior incremento na produção além daquele que já existe e que vem sendo realizado na forma própria dos Parakanã. Não se busca aqui o excedente da produção, e sequer estão os Parakanã preparados para novos tipos de cultura. O que necessita, e o que vem sendo feito pelos próprios índios, é a manutenção do roçado em formas organizativas próprias. O técnico-agrícola, neste caso, poderia, cremos nós, ser melhor aproveitado em outro aldeamento. Além disso, o atual chefe do PIA. Parakanã e o auxiliar de sertanista que ali se encontram são pessoas capazes de possibilitar um trabalho junto aos Parakanã que lhes seja benéfico.

### Aspectos Demográficos

Os Parakanã do Paranatí possuem hoje um contingente populacional de 141 (cento e quarenta e uma) pessoas, tendo nascido desde a nossa última permanência entre eles quatro homens e tres mulheres. Entretanto, neste mesmo período, vieram a falecer quatro crianças sendo tres mulheres e um homem. Existem ainda um total de sete mulheres grávidas, das quais tres deverão ter seus filhos brevemente.

## A Situação Territorial

Indefinida é como se apresenta a situação das terras Parakanã, tendo em vista que, mesmo com o decreto Presidencial referendando a Reserva Indígena Parakanã - 317 mil ha., não se tem conhecimento de como permanecerá a porção territorial situada entre a antiga Transamazônica e a nova Transamazônica, no trecho compreendido entre os Igarapés Bacuri e Pucuruí. Esta faixa de terras conhecida hoje como Gleba Parakanã e pertencente até o dia 04 de março do corrente ano a antiga Reserva destes índios, e que foi indevidamente ocupada, através de acordo entre a Delegacia Regional da FUNAI/Belém e a Eletronorte e o Getat, pelos colonos expropriados com a construção do Reservatório de Tucuruí, é alvo ainda hoje dos efeitos deste acordo. Assim é que os Parakanã do aldeamento Paranatĩ, ainda durante reunião em Brasília com a própria FUNAI, informaram das alternativas existentes em relação a esta faixa territorial, quais sejam:

- a recuperação do próprio território
- a recuperação parcial do território, incluindo, então, a faixa de terras entre os Igarapés Bacuri e Lontra
- a indenização pela extensão total da faixa de terras entre os Igarapés Bacuri e Pucuruí.

A colocação feita acima pelos Parakanã refere-se a situação criada com a ação da Eletronorte e do Getat. Pois bem, em nossa permanência entre estes Parakanã, deixaram-nos eles claro que caso estas reivindicações não venham a ser atendidas eles novamente se dirigirão

aos colonos no intuito de recuperar o território da Gleba Parakanã.

Convém assinalar que os Parakanã foram estimulados, segundo informações dos funcionários da FUNAI junto ao Paranatí, pelos chefes anteriores do PIA. Parakanã, sendo que o último que ali se encontrava, à época, teria convencido aos índios a ~~intimidar~~ aos colonos como a única forma de recuperar o território. No entanto, a ação diplomática do atual chefe do Posto, e, então, apenas um servidor do órgão naquele Posto e que mantem contato com estes índios desde a sua atração pela FUNAI, foi decisiva para que, como dissemos, não ocorresse um conflito de graves proporções.

Ainda com referência a este mesmo período, de agosto a setembro de 1984, começou-se um trabalho de reivindicações junto aos Parakanã, no sentido de que estes índios requeressem um novo aldeamento construído em acordo ao modelo de habitação regional, utilizado pelos colonos, isto é, casa ou em madeira, ou, em alvenaria. Esta reivindicação teria sido estimulada também por um funcionário da Eletronorte.

Solicitamos, pois, aos índios que se mantivessem sem agressões aos colonos da Gleba Parakanã, senão pela própria questão em si, ou seja, que os colonos também não podem ser vistos como culpados por ali se encontrarem, mas também por que com as previstas mudanças no próprio governo nacional, modificações poderiam ocorrer quanto a interpretação deste fato. Os Parakanã reivindicaram, então, uma entrevista com o novo Presidente da FUNAI, para que se buscasse a solução para o impasse. Por outro lado, deve-se ter em

mente que os colonos desta Gleba não pretendem, ao menos uma grande parte deles, ali continuar frente as inundações que a mesma vem sofrendo. Hoje, cerca de 300 famílias encontram-se desabrigadas e objetivam o seu reassentamento junto à Br-422.

Obras

Da mesma forma que em Marudjewara, entendemos que a única obra que deva ser autorizada neste aldeamento seja a construção da enfermaria/farmácia. As demais, como casa sede do PIA. Parakanã, casa dos funcionários, escola, deverão seguir aquele mesmo exemplo, isto é, as suas construções deverão ser gradativas. Não há no momento presente qualquer justificativa que venha a apressá-las, até mesmo porque o "fazer coisas" em aldeamentos indígenas, como este caso, pode significar também um estímulo a descaracterização do padrão habitacional Parakanã. E, além disso, em alvenaria apenas a enfermaria/farmácia deverá ser construída.

Programação para o ano de 1985 (material a ser adquirido)

O PIA. Parakanã necessita dos seguintes materiais:

- Material de Pesca

malhadeira (deve ser confeccionada na região)  
 entralho para a malhadeira  
 chumbo para o entralho ou material embutido para o entralho  
 anzol pequeno e médio  
 chumbo em fita  
 linha 0,45 e 0,50 em bobina  
 construção de mais cinco canoas no local  
 tarrafa (confeção na região)

- Equipamentos

3 caixas d'água de 1000 litros cada uma  
 torneiras e canos plásticos para água



Material de Caça

- espingardas calibre 22, para todos os homens casados o que representa a aquisição de 32 espingardas; esta aquisição poderá ser feita parceladamente visto o alto custo; o objetivo desta aquisição é endereçado a caça de aves para a obtenção de matéria-prima para a confecção de artefatos;
- espingardas calibre 28, em número de 06
- 10 caixas de balas 22/mes
- 06 caixas de cartuchos cal. 28/mes
- cartuchos de metal cal. 20, chumbo, pólvora, 10 Kgs./mes
- pilhas e lanternas e bicos devem ter remessa bimensal, quando necessário.

\* \* \*

Relatório sobre os deslocamentos em aeronave e sobrevôos

Avião monomotor

Companhia Táxi Aéreo Continental

Piloto Mauro Machado

Sede Altamira

<u>Deslocamentos</u>	<u>Data</u>
Altamira - Ig. Bom Jardim	16/02/1985
Ig. Bom Jardim - Altamira	24/02/1985
Altamira - Mineração Taboca	25/02/1985
Mineração Taboca - <u>Marudjewara</u>	26/02/1985
<u>Marudjewara</u> - Tucuruí	02/03/1985

OBS.- O pouso e decolagem junto à Mineração Taboca foi efetuado face às más condições climatológicas para prosseguirmos a viagem ao aldeamento Marudjewara, como também ter a aeronave em que viajamos que pousar antes do por do sol.

Sobrevôos

- margem direita do Rio Xingu, entre os Igarapés Piranhaquara e São José, sendo neste último de sua foz às suas cabeceiras;
- decolagem da Mineração Taboca e sobrevôo junto às cabeceiras do Rio Bacajá, daí prosseguindo viagem ao aldeamento Marudjewara;
- decolagem de Marudjewara no dia 02/03/1985 e sobrevôo junto ao limite Leste da Reserva Indígena Parakanã, mais concretamente na fronteira formada pelo Rio da Direita até as suas cabeceiras e daí, em linha reta, ao Rio Pacajazinho, em sua margem direita, até o ponto de onde parte a linha seca que une este Rio às cabeceiras do Rio Pucuruí; daí seguimos, em rápida passagem, sobre o aldeamento Paranatí, situado à margem direita do Igarapé deste mesmo nome, em direção a cidade de Tucuruí.

JUSTIFICATIVA

Os deslocamentos em aeronave de Altamira ao Igarapé Bom Jardim e deste ao aldeamento Marudjewara estavam já planejados na programação de viagem informada a nós pela Cia. Vale do Rio Doce (CVRD). O deslocamento de Marudjewara a Paranatí deveria ser realizado em helicóptero da referida Companhia, ou, a sua ordem. No entanto, não foi tal viagem confirmada pelo escritório da CVRD em Carajás, o que nos obrigou, neste último percurso, a recorrermos a vinda a Marudjewara, pela segunda vez, do monomotor da Continental Táxi Aéreo, a fim de podermos nos deslocar em direção ao aldeamento Paranatí. Tal deslocamento, em avião, não resolveria, entretanto, o problema imediato visto que, em Paranatí, não há campo de pouso e sim heliporto. Deslocamo-nos, então, a Tucuruí, onde um veículo da FUNAI (PIA. Parakanã/Ig. Paranatí) deveria nos apanhar. Contudo, e embora este veículo tenha conseguido chegar a Tucuruí, até mesmo porque transportava uma índia para exames no hospital, aconselhava-nos o motorista a tentarmos recorrer ao helicóptero da CVRD em razão das péssimas condições de tráfego, quer através da Br-422, quer através da Br-230. Solicitamos, desta feita, a CVRD que providenciasse tal meio de transporte para o nosso deslocamento ao aldeamento Paranatí, o que foi possível de acontecer aos 05 dias do mês de março do corrente.

No que se refere aos sobrevôos efetuados, resumem-se eles ao aproveitamento de: a) da trajetória entre Altamira e Marudjewara; b) do nosso deslocamento de Marudjewara a Paranatí e daí a Tucuruí, quando observamos a necessidade de realizarmos uma pequena vistoria nas áreas que, conforme as informações locais, seriam as mais densamente povoadas por invasores no interior da Reserva Indígena Parakanã, estabelecida em Decreto nº 91.028, de 05 de março de 1985.

Com relação ao primeiro item, isto é, do sobrevôo realizado na trajetória entre Altamira e Marudjewara, é de conhecimento público a eleição de uma Reserva Indígena na margem direita do Rio Xingu, estabelecida que foi por um Grupo de Trabalho da FUNAI, em 1979. Este Grupo de Trabalho, à época, objetivava um território que abrigasse a três povos indígenas distintos e habitantes naquela região - os Assurini do Xingu, os Araweté, os Xikrin do Bacajá. A área, então, pretendida estende-se do Igarapé Piranhaquara ao Igarapé São José, tributários à margem direita do Rio Xingu, e da união desses ao Rio Bacajá. Esta Reserva inclui, portanto, o Igarapé Bom Jardim, local onde habitam hoje uma parcela considerável do povo indígena Parakanã.

O sobrevôo que aqui realizamos teve, pois, como objetivo identificar esta área e de averiguar o número aproximado de invasores, visto que aquela Reserva ainda não foi demarcada e a presença Parakanã ali é uma realidade. Pudemos, então, observar a existência de 21 (vinte e um) locais com casas e, ou, roçados junto à margem direita do Rio Xingu. Face ao mau tempo e ao horário, tornou-se impossível prosseguirmos viagem a Marudjewara, pousando, então, na Mineração Taboca, uma empresa do grupo Parapanema e situada à margem esquerda do Rio São José.

A Mineração Taboca opera nesta região há aproximadamente seis anos e possui um contingente populacional com cerca de 1.200 pessoas, e explora três ou quatro minas em trabalho simultâneo. Ali foi-nos possível obter informes superficiais acerca de garimpos particulares junto às cabeceiras dos Rios São José e Bacajá. Com relação ao primeiro Rio, observamos a existência de um garimpo com campo de pouso e que, segundo o piloto Mauro Machado e pela localização do mesmo, teria este registro no DNPM, não sabendo, contudo, informar a quem ele pertencia. Além disso, observamos que a Fazenda Bannach, situada à margem direita do Igarapé São José e localizada, portanto, no interior do território indígena o qual foi referendado pelo Grupo de Trabalho/FUNAI, em 1979, hoje, ao que parece, resume-se a manter alguns poucos zeladores, estando ao que tudo indica com os seus trabalhos paralisados.

No tocante as cabeceiras do Rio Bacajá, observou-se a existência de tres garimpos no rumo de  $25^{\circ}$  de vôo, sendo que um destes apresentava um total aproximado de 19 (dezenove) barracos construídos em madeira e um campo de pouso, localizando-se em um igarapé sem denominação formador das cabeceiras à margem esquerda do Bacajá. Já às coordenadas geográficas aproximadas de  $5^{\circ}35'$  S e de  $51^{\circ}50'$  W encontra-se o garimpo denominado "Pista do Joel" com dois barracos. Mais adiante e em direção às cabeceiras do Igarapé Bom Jardim, encontra-se um outro garimpo, muito conhecido entre os regionais, e denominado de "Pista do Mucuí", situado no rumo de  $33^{\circ}$ , possuindo quatro barracos pequenos e um de maior tamanho.

Com relação ao sobrevôo realizado junto à Reserva Indígena Parakanã, mais precisamente em seus limites situados próximo ao Rio da Direita e ao Rio Pacajazinho, pudemos observar que na realidade o primeiro destes limites encontra-se com número considerável de invasores e é provável que ali ocorra, conforme as informações colhidas por nós em campo, a existência de algum garimpo, além da presença de serrarias e de sítios de agricultores. No entanto, o que mais se salienta enquanto um processo invasor, além do existente junto ao Rio da Direita, é que registramos, embora com poucas unidades, às proximidades do Rio Pacajazinho. Aqui, observamos cerca de tres fazendas com invasões à Reserva Indígena Parakanã mais propriamente na faixa de terras entre este Rio e as cabeceiras do Rio Pucuruí.

Deste modo, e face ao exposto, acreditamos que os sobrevôos realizados e que de fato aproveitaram, ou, procuraram aproveitar à medida do possível, a trajetória das viagens concretizadas, averiguando ainda que superficialmente a situação territorial que envolve os índios Parakanã revelam também a necessidade de:

- Com relação aos Parakanã do Igarapé Bom Jardim: considerar como proposta de Reserva Indígena a que levada a efeito pelo Grupo de Trabalho da FUNAI/1979 e que engloba os aldeamentos indígenas Assurini do Xingu, Araweté, Xikrin do Bacajá e agora os Parakanã denominados pela FUNAI de Apuiterewa. Dos 21 locais avistados por nós nesta região a grande maioria se constitui em pequenos sítios e cerca de seis garimpos.

Apresentamos, portanto, a CVRD a necessidade de um levantamento detalhado, a ser realizado por terra e água, a fim de se definir pela Demarcação da proposta de 1979, a qual beneficiaria não só aos outros povos indígenas, mas também aos Parakanã ali

Apresentamos, portanto, à CVRD a necessidade urgente de um levantamento detalhado, a ser realizado agora por terra e água, a fim de se definir pela Demarcação da Proposta de 1979, a qual beneficiaria não só aos outros povos indígenas, mas também aos Parakanã ali residentes. A esta colocação soma-se outra reforçando a primeira, a qual está ligada a construção de barramentos junto ao Rio Xingu e que hoje, conforme somos sabedores, constitui-se em realidade.

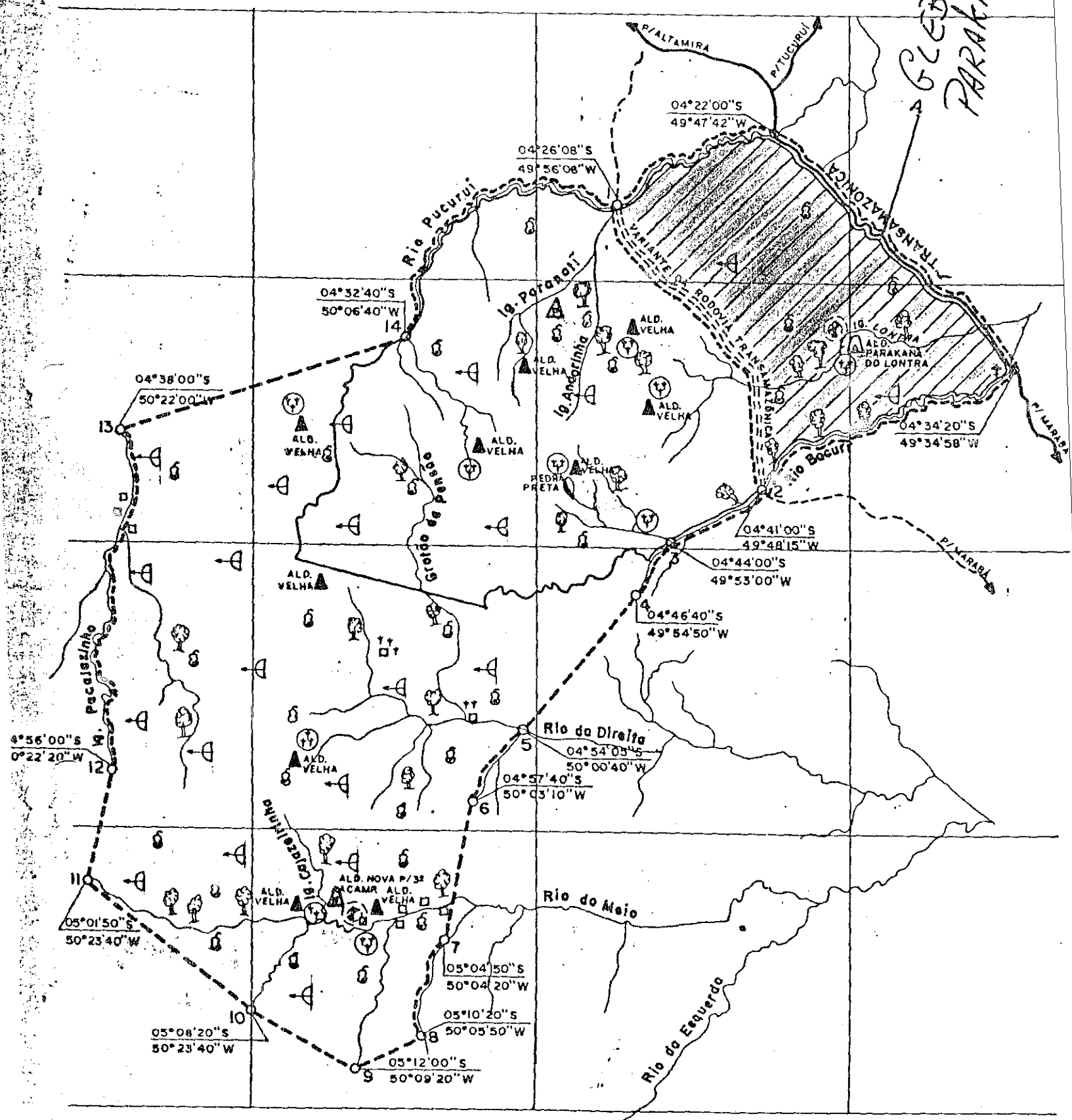
- Com relação aos Parakanã da Reserva Indígena Parakanã: consideramos com de vital importância que a Demarcação deste território seja iniciada em dois pontos estratégicos - a) através do limite Leste, desde as cabeceiras do Rio Bacuri aos formadores do Rio do Meio, salientando-se que duas frentes demarcatórias devam seguir direções diferentes e tendo como ponto de partida o Rio da Direita; b) a linha seca que une o Rio Pacajazinho às cabeceiras do Rio Pucuruí, onde as invasões, embora de pequena monta, constituem-se mesmo assim em uma realidade.

*Antonio Carlos Magalhães*  
Antonio Carlos Magalhães  
Assessoria Antropológica - CVRD







# MINISTÉRIO DO INTERIOR

Fundação Nacional do Índio  
RESERVA INDÍGENA PARAKANÃ  
MUNICÍPIO DE ITUPIRANGA E JACUNDÁ - PA

GLEBA  
PARAKANÃ



## LEGENDA

-  RESERVA INDÍGENA PARAKANÃ  
Área aproximada: 319.000ha.  
Perímetro aproximado: 245Km
-  RESERVA IND. PARAKANÃ DEMARCADA EM 1975  
Área aproximada: 189.681ha.  
Perímetro aproximado: 246.844Km
-  ÁREA DE PISCICULTURA DOS PARAKANÃ (parte da residência demarcada em 751)  
Área aproximada: 64.100ha.  
Perímetro aproximado: 120Km
-  ALDEIA PARAKANÃ DO LONTRA
-  ALDEAMENTO PARAKANÃ - IG. PARANATÍ
-  ALDEAMENTO PARAKANÃ - MARUDJEWARA